



# O DILEMA DA carne

Das perspectivas vegetariana e carnívora, colunistas da **Folha** comentam “Comer Animais”, do escritor americano Jonathan Safran Foer

## OPINIÃO CARNÍVORA

### Esperança do autor é que a consciência vença o desejo

**NINA HORTA**  
COLUNISTA DA FOLHA

Jonathan Safran Foer e a mulher, antes de se encontrarem, tinham vontade de ser vegetarianos.

Quando casaram, resolveram que, dali em diante, nada de carnes na mesa deles. Como uma promessa, um rito de passagem.

Em casa, muito tofu, mas, quando lhes dava na telha, por que não atum, hambúrguer ou galinha frita?

Daí a mulher engravidou e ele engravidou junto. Aquilo bateu fundo no escritor.

Começou a fazer faxina na casa, trocar lâmpadas há muito queimadas, comprar meias novas e refletir. Jonathan é, além de bom escritor, filósofo de formação.

E judeu, é bom não esquecer. Quando nasceu o filho, outro rito de passagem, ele, no seu melhor estilo judaico, resolveu contar umas histórias novas para a criança pois a família andava meio esquecida das raízes.

O menino que nascera só tinha um assunto. Comer. Não era só um ato físico, ah, não era. Foer sabia muito bem que as memórias que se misturam às comidas são as nossas vidas, os nossos valores e os da comunidade.

O alimento faz lembrar, quem não sabe disso? Quis trazer à baila o passado, compartilhá-lo com o filho. “Comer e contar histórias são duas coisas inseparáveis.”

Partiu para a reflexão do cardápio de seu filho. Como ingredientes, tudo que fosse bom, que não causasse dor, que não envergonhasse e que alimentasse tanto o espírito quanto a alma.

Fez uma enorme pesquisa bem fundamentada. Não queria escrever um livro nem pró nem contra o vegetarianismo, mas simplesmente comer animais com a consciência limpa.

#### LIMITES

Os judeus sempre se preocuparam com isso. A comida kosher pressupõe um modo de matar que não deixa os animais sofrerem muito e marca os limites do proibido e do permitido.

Ao não comerem o proibido, sentem-se mais livres, com melhor consciência para comer o permitido. O difícil é mudar nossas histórias. “Em termos racionais, a criação intensiva é obviamente errada, de muitas maneiras. Mas comida não é racional. Comida é cultura, hábito, identidade.”

Mas, e a nossa história? Como nos livramos dela? Cristo dividiu um cordeiro com os amigos. Fez milagres com os peixes. Transformou água em vinho. Fomos criados achando que os animais se alegravam em se dar a nós como comida (!).

Aprendemos a pescar no riacho, a correr atrás de uma galinha escandalosa, achamos que, quanto melhor cozinhassemos, mais civilizados éramos. Descobrimos o torresmo.

Existem tantos vegetarianos ativos na sua pregação que toda a nossa história de carnívoros já toma um gosto acre. A mesa posta, o frango assado com farofa como um ato de união, de congraçamento, já trazem culpa.

E a esperança de Foer e a de muita gente é que nossa consciência ganhe a batalha contra o desejo. Devemos rejeitar essa história tão velha que estamos repetindo, mudar as histórias que estamos contando? Leva tempo, mas ele acha possível.

Foer não luta pelo vegetarianismo. Num mundo ideal, ele seria carnívoro. O que nos resta? Defender a criação e a morte piedosa. Comer menos carne.

Uma tia velha que tenho sempre filósofa. “Somos como galinhas num galinheiro lotado. Quando o dono põe o olho em uma de nós, vupt. Não tem volta.”

Não há saída próxima digna de nota. Estamos todos no mesmo galinheiro e o livro é bastante bom.

**COMER ANIMAIS**  
AVALIAÇÃO ótimo

## OPINIÃO VEGETARIANA

### Descrição das vidas de animais faz concluir que fim é um alívio

**VIVIEN LANDO**  
COLUNISTA DA FOLHA

Tem gente que nasce vegetariana, detestando carne e esnobando o bifinho que a mãe oferece. Outros, já pequenos adoram os animais, sem distinguir espécie.

E há os coerentes que apostam nas duas coisas ao mesmo tempo.

O escritor norte-americano Jonathan Safran Foer não pertence a essa categoria.

Quando criança, considerava a maior delícia o frango com cenouras da avó —que era praticamente tudo o que ela sabia cozinhar.

Também só se apaixonou por bichos aos 26 anos, quando adotou a cadela George, encontrada num meio-fio do bairro nova-iorquino do Brooklin, onde mora. A diferença básica entre esses dois seres acima mencionados —e me incluo entre os primeiros— é o processo.

As vésperas de ser pai pela primeira vez, Foer decidiu compreender em detalhes o que deveria passar ao filho em termos de alimentação. Para tornar-se um vegetariano sábio, decidiu escrever “Comer Animais”.

De certa forma, ele parte de George e da avó para elucidar e pesquisar a chacina em massa promovida pelas fazendas e granjas industriais, que além de matar animais, infligem a eles vidas desgraçadas.

A ponto de concluirmos que o fim seja um alívio. Galinhas e perus vivem em engradados, sem higiene, sob luz artificial para enganar seus hormônios, como se fosse uma eterna primavera.

E, portanto, devem crescer

e procriar indefinidamente —botando muitos ovos. “Foi quando me dei conta de que uma vida excruciante é pior que uma morte excruciante”, espanta-se o autor.

O mesmo ocorre com os criadores intensivos de porcos, animais considerados inteligentíssimos.

A fêmea grávida é confinada a uma caixa de dimensões mínimas, onde esfolta a pele e se estressa até o dia do parto —normalmente provocado por medicamentos.

Depois, é transferida com a ninhada para outra caixa e assim passa a maior parte da vida, se é que pode ser chamada assim.

O autor recorre à cativação quando se refere à destruição massiva de cavalos-marinhos em cada pesca extensiva de salmão e outros peixes comestíveis.

Captura feita com espinheis ou rede de arrasto, métodos que o homem cavou no mais profundo de sua crueldade. E opta por atirar nosso medo quando revela de onde vieram as gripes suína e aviária —e para onde irão.

Assim como mira nossos estômagos ao relatar as condições de sujeira de todas essas criações em grande escala —e a enorme quantidade de porcos, bois, galinhas e peixes doentes e semimortos largados em tais locais.

#### TENEBROSO

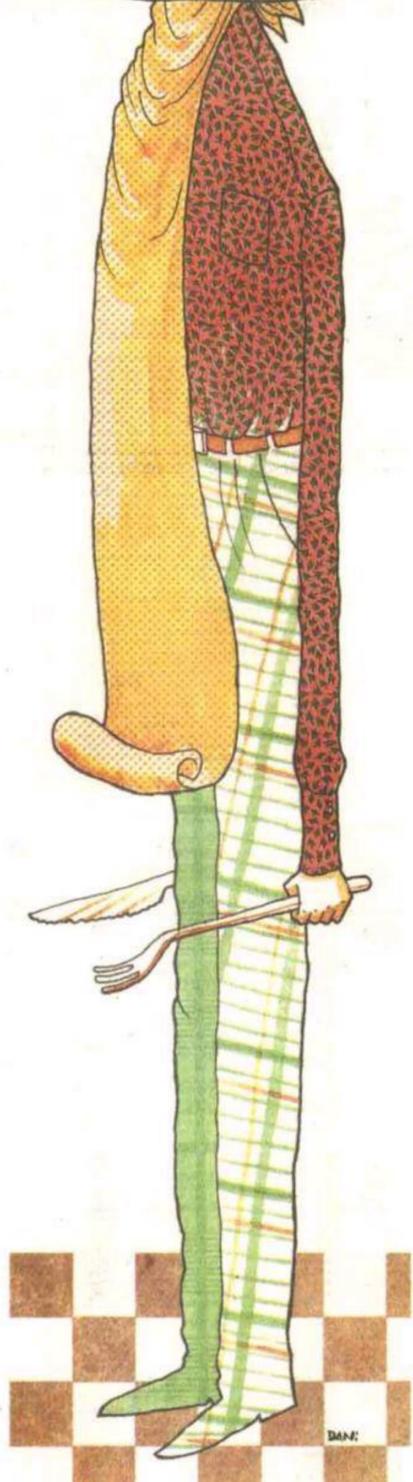
Quando estreou, com “Tudo se Ilumina” (2002), Foer narrou em tom encantatório a saga de famílias que viveram nos shtetlechs (povoados) judaicos do leste europeu, antes de serem destruídos pelo nazismo.

O livro, fascinante e transportador, virou o filme “Uma Vida Iluminada” (2005), de Liev Schreiber, ao final do qual o personagem diz que “tudo se ilumina sob a luz do passado. Ele está sempre dentro de nós, olhando pra fora. Do avesso”.

Assim como quem fala de sua aldeia pode se tornar universal, quem reverencia seu passado —e os processos— consegue ser atual, e quem sabe olhar para um futuro de vegetarianismo geral.

“Comer Animais” é um livro de não ficção que parece ser completamente inventado, dados os fatos ali narrados. Tão tenebrosos que nem o ser humano se acredita capaz de tanta atrocidade.

**COMER ANIMAIS**  
AVALIAÇÃO ótimo



#### RAIO-X JONATHAN SAFRAN FOER

##### VIDA E CARREIRA

Nasceu em 1977, em Washington, e estudou redação criativa em Princeton. É autor de “Tudo se Ilumina” e de “Extremamente Alto &

Incrivelmente Perto”

##### COMER ANIMAIS

EDITORA Rocco  
TRADUÇÃO Adriana Lisboa  
QUANTO R\$ 41,50 (320 págs.)

FOER NÃO LUTA PELO VEGETARIANISMO. NUM MUNDO IDEAL, ELE SERIA CARNÍVORO. O QUE NOS RESTA? DEFENDER A CRIAÇÃO E A MORTE PIEDOSA. COMER MENOS CARNE

É UM LIVRO DE NÃO FICÇÃO QUE PARECE SER INVENTADO, DADOS OS FATOS ALI NARRADOS. TÃO TENEBRÓSOS QUE NEM O SER HUMANO SE ACREDITA CAPAZ DE TANTA ATROCIDADE